



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA EXPERIÊNCIA COM A LEITURA EM OFICINAS DO PIBID

Elaine Perpétua Dias Martins (1); Nilson de Sousa Rutizat (1); Jocenilton Cesário da Costa (2); Eli da Silva Fernandes (3); Jocenilton Cesário da Costa (1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), elaine_martins28@hotmail.com, brasilalemo@gmail.com, newton.costa.jp@hotmail.com, elifernandes2@outlook.com

RESUMO

Este trabalho dedica-se ao estudo das variedades linguísticas encontradas no Livro “Vidas Secas” e, para isso, traz uma investigação feita com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Batista Leite, localizada na cidade de Sousa/PB. Objetivamos, assim, compreender como a variedade linguística atua no ensino de Língua Portuguesa. O trabalho foi desenvolvido durante oficinas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, e se apoiará nas perspectivas de Calvet (2009) e Labov (2008), sobre sociolinguística, cujos autores abordam as variedades da língua falada em diferentes regiões. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, e, também, a leitura do livro “Vidas Secas” com alunos acima indicados, enriquecida com uma entrevista que apresenta opiniões dos alunos sobre variedades linguísticas contida no livro. Os alunos puderam compreender através das oficinas as variedades linguísticas da língua falada e também escrita, além de identificar o preconceito linguístico e respeitar as diferenças linguísticas de cada região do nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: Variedades linguísticas. “Vidas Secas”. Oficinas.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir a variedade linguística contida no livro “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, publicado em 1938, além de explorar essa variedade em sala de aula com os alunos em oficina do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a partir dos conceitos de Calvet (2009) e Labov (2008) sobre sociolinguística, os quais abordam as variedades que ocorrem de um lugar para o outro e inclui o papel dos fatores externos associados à língua falada.

Partindo dessa concepção, a presente discussão busca compreender a variação linguística e apresentar as percepções dos alunos/participantes de um projeto acerca do tema,



além de ressaltar a importância da abordagem de diferentes variações da língua falada em sala de aula, para auxiliar no ensino de Língua Portuguesa sem preconceito linguístico.

As oficinas foram realizadas no primeiro semestre de 2015, de abril a julho do mesmo ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Batista Leite, localizada na cidade de Sousa/PB. Participaram das oficinas os alunos de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental da mencionada escola.

As oficinas foram ações práticas do projeto “O sertão sob versos e prosas: da literatura clássica à popular”, do PIBID, e foi desenvolvido pelos bolsistas do programa, autores deste trabalho.

O objetivo foi fazer a leitura do romance “Vidas Secas” e entender o contexto histórico no qual a obra está inserida, e trabalhar essas variedades com os alunos/participantes trazendo-os a refletir sobre as diferentes variedades linguísticas da língua falada e também escrita.

Nessas circunstâncias, o presente artigo possui a seguinte ordem: Inicialmente, buscaremos entender a Sociolinguística e seus principais tentáculos; em seguida, apresentamos a metodologia adotada para cumprimento dos objetivos traçados e, por fim, analisaremos a percepção dos alunos acerca da variação linguística.

ENTENDENDO A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é o ramo da Linguística que trata da relação entre língua e sociedade, embora seu conceito seja muito mais amplo. Segundo Camacho (2008), podemos delimitar algumas subáreas dentro da Sociolinguística, de acordo com o enfoque que cada um procura dar ao objeto de estudos “língua”.

A análise da conversação, ainda conforme Camacho (2008), passa a ser chamada de Sociolinguística Interacional e a Sociolinguística Variacionista, que visa a examinar as variações presentes nos contextos sociais, observando seu reflexo nas variações do sistema linguístico.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao longo das pesquisas sobre a língua e sua relação com a sociedade, alguns pesquisadores observam a língua como um fenômeno social, associando a linguística interna e externa, relacionando os dois fatores, concebendo a língua como um fato social. (CALVET, 2002).

A Sociolinguística não é fácil de ser definida. Sua tarefa é estabelecer as relações entre as variações e os sistemas sociais, isto é, a diversidade presente na língua não acontece aleatoriamente, mas depende da dimensão social, afirma Calvet (2002).

Um nome que se destaca dentre os linguistas é Labov (2008), o qual considera que seu objeto de estudo é a estrutura da língua, situada no uso que a comunidade linguística faz. Declara ainda que não há como escapar do social no estudo da língua, o que resulta na afirmação de que a Sociolinguística é a Linguística, isto é, estudar a língua significa incluir o papel dos fatores externos a ela.

Na verdade, a variação linguística seria o conjunto de variantes de um elemento na língua, incentivada por fatores sociais, econômicos e situacionais. Em nosso país, a Língua Portuguesa possui muitos dialetos. A língua faz parte do sistema heterogênea e variável, e por isso muitas vezes a pronúncia de uma palavra sendo de diferente regionalidade, servem como motivo de preconceito em relação a seus usuários. .Conforme, a linguagem adapta-se às distintas situações de uso.

No entanto, é comum, em alguns setores educacionais, trabalhar exclusivamente a linguagem escrita, levando-nos a pensar que apenas esta é a única forma “correta” de nos expressarmos por meio de usos linguísticos, tendo em vista sua ligação direta com as regras gramaticais, descartando as variantes que o aluno traz para a sala de aula em que poderiam perceber que tais diferenças nos usos da linguagem adaptam-se às distintas situações de uso.

O preconceito linguístico apresenta-se como uma forma de discriminar alguém pelo modo como fala, associando seu dialeto à classe econômica, à escolaridade ou ao lugar de origem. Quando os alunos compreendem a complexidade que envolve os falantes são incentivados a sumir uma postura de combate ao preconceito linguístico.

Esse preconceito, segundo Bagno (2011), resulta da existência de alguns mitos acerca da língua, o alto grau de variabilidade e diversidade linguística no Brasil tem como uma de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

suas causas a injustiça social, geradora um abismo linguístico entre a norma padrão e não padrão presente na maioria dos brasileiros. (BAGNO, 2011. p.30)

Tendo em vista os pontos linguísticos levantados no debate do capítulo nove “Baleia” do livro “Vidas Secas”, observamos que, enquanto professores formadores do conhecimento crítico, precisamos respeitar a língua com a qual o aluno chega à escola e depois, viabilizar a familiarização e uso de outras variedades, sobretudo, os registros e dialetos mais próximos da norma culta.

Assim, a apresentação das variedades linguísticas permite que os alunos se distanciem do preconceito linguístico, conforme sinalizados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), documento que norteia o ensino no Brasil. Segundo essas orientações, aluno não pode ser constrangido pelo dialeto que ele leva para a escola, mas deve ser conduzido a se tornar poliglota em sua própria língua, uma vez que

o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 23).

Para validar as contribuições trazidas pela Sociolinguística, este trabalho desenvolveu uma pesquisa sobre variação linguística em aulas de Língua Portuguesa, incluindo a leitura de “Vida Secas”, em Oficinas do PIBID.

METODOLOGIA

As oficinas foram realizadas durante a execução do projeto “O sertão sob versos e prosas: da literatura clássica à popular”, em duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental.



Nessas turmas, foi trabalhado o romance “Vidas Secas”, de Graciano Ramos. Consideramos importante relatar como se deu a execução das atividades.

- Planejamento das oficinas

A abordagem das variedades linguísticas no projeto foi pensada de forma estratégica para mostrar aos alunos as diferentes variedades linguísticas. Através da leitura do livro já citado, buscamos instigar os alunos a identificar as diferentes variações linguísticas presente no texto. Paralelo a isso, apresentamos concepções sobre a sociolinguística para despertar no aluno a tolerância as diferentes variações da língua falada.

Realização das oficinas

Ao iniciar as oficinas no, no primeiro momento ocorreu a leitura do conto “Baleia”, a leitura feita de forma silenciosa do conto e em seguida a leitura coletiva e em voz alta. No segundo momento, pedimos para os alunos apresentarem termos do conto por eles desconhecidos. Os alunos apresentaram termos como: “saca-trapo”, “bulir”, “taludo”, “muxoxos”, entre outros. Declaramos que tais palavras fazem parte da variação linguística regional, na qual a família do romance estar inserida. Ressaltamos, ainda, que o uso dessa variedade linguística não exclui o romance da variação padrão da língua. Encerramos a oficina com a recomendação da leitura integral da obra.

Na segunda oficina, o professor titular já havia indicado a leitura integral do romance e constatamos que todos os alunos – ou quase todos – já haviam lido o livro. Iniciamos essa oficina com a percepção dos alunos sobre a fala dos personagens do romance. Observamos que alguns alunos demonstraram através de seus comentários acerca da variação linguística predominante no livro, certo preconceito. Para incentivar os alunos a desenvolverem uma postura diferente em relação ao preconceito linguístico, apresentamos uma análise do contexto historio/social em que o romance foi escrito e como os personagens viviam. A partir



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

daí, os alunos demonstraram compreensão acerca da complexidade que envolve os falantes de uma língua em suas mais diversas variações.

Na terceira oficina, aplicamos uma enquete sobre as variações linguísticas presentes no livro “Vidas Secas”. No primeiro momento, apresentamos a enquete contendo quatro perguntas, com sondagem sobre a percepção do aluno da variação linguística da obra e ainda, sobre o preconceito linguístico presente no seu convívio social. Após os alunos responderem a enquete, eles puderam relatar casos de preconceitos linguísticos vivenciados por eles ou por alguém próximo a eles. Após a realização dessa etapa com os alunos, prosseguiu em forma de discussão, entrevista e a realização de uma enquete em forma de aplicação de questionário.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS ACERCA DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Na análise foi enfatizada a importância da heterogeneidade da língua, ou seja, as variações entre todos os falantes da língua. No livro em questão, os alunos/participantes perceberam que as expressões regionais encontradas quando o vaqueiro Fabiano fala com o patrão para receber o salário, mostra o estilo simples e suas dificuldades de comunicação, como visto no trecho a seguir:

Não se conformou: devia haver engano. (...) Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria? O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. (RAMOS, 2003, p 172)

Os alunos perceberam que a variedade encontrada no trecho acima marca sua regionalidade relacionada ao seu contexto social que interfere em sua linguagem. Essas dificuldades linguísticas atuam na sua maneira de agir que o torna “bruto” nas palavras. O



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

autor utiliza de expressões regionais, realçando a dificuldade enfrentada pela família, e evidenciando a variação linguística predominante no texto.

Com isso, a atividade de leitura e debate levou ao conhecimento dos alunos que a linguagem deve ser respeitada em seus fatores sociais, econômicos e situacionais.

Conforme os PCN esse fatores de vem ser observado sobre o tema da Pluralidade Cultural busca contribuir para a construção da cidadania na sociedade pluriétnica e pluricultural.

[...] conhecer a diversidade do patrimônio etno-cultural brasileiro, tendo atitude de respeito para com pessoas e grupos que a compõem, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos e elemento de fortalecimento da democracia; • valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira (BRASIL,1997)

Na enquete realizada em sala de aula com os alunos/participante das oficinas, eles responderam perguntas como se já discriminaram alguém pelo modo de falar ou se já foram discriminados, além de descreverem como está relacionada a maneira de dialogar dos personagens do romance “Vidas Secas” e também citaram palavras contidas na obra que não fazem parte do seu vocabulário no dia a dia.

Segue as perguntas da enquete na íntegra:

1 – Como está relacionada a maneira de dialogar dos personagens do Romance “Vidas Secas”?

- a) () *Ao contexto Histórico*
- b) () *Ao Nível Social*
- c) () *Aos Fatores Econômicos*

2 - Você já discriminou alguém pela maneira de falar?

- a) () *Sim*
- b) () *Não*
- c) () *Não sei*

3- Você já foi discriminado por sua maneira de falar?

- a) () *Sim*



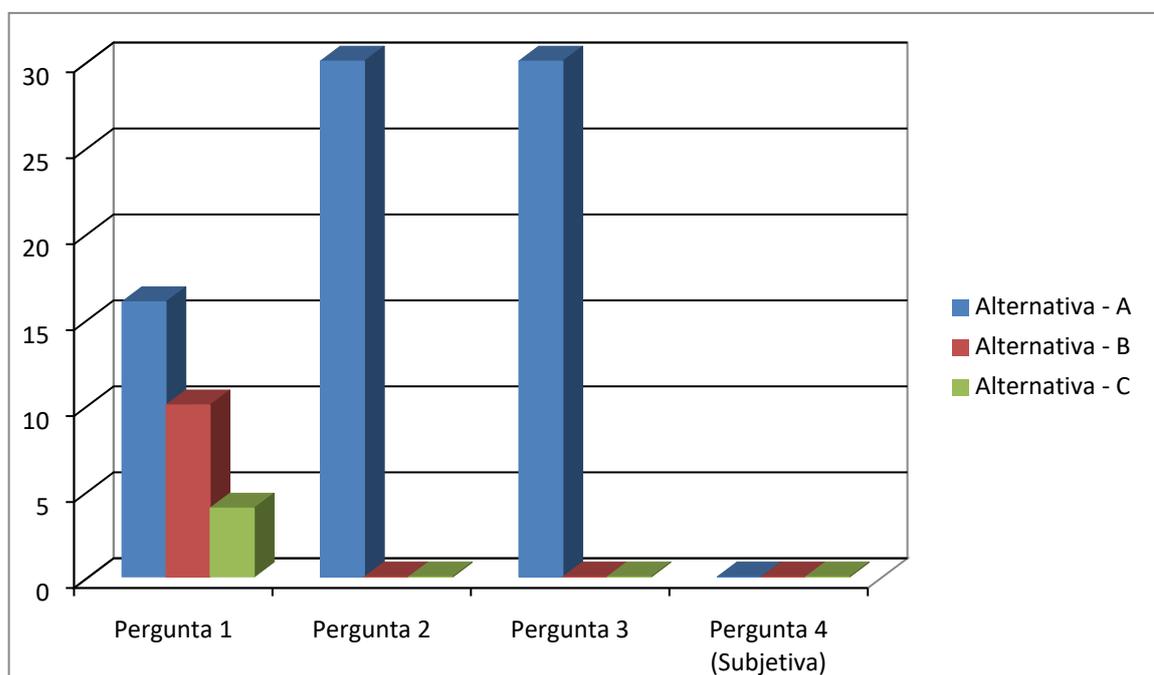
II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- b) () Não
c) () Não sei

4 – Cite alguma palavra do livro que você não entendeu o significado ou que está fora do seu vocabulário:

As diferentes experiências vividas pelos alunos em relação a variedade linguística se reflete nos respectivos dados gráficos a seguir.



Dos 30 alunos entrevistados, 16 referiram relacionar a maneira de dialogar dos personagens “Vidas Secas” ao contexto da história e 10 disseram que os personagens têm dificuldades de dialogar devido ao nível social e apenas quatro aos fatores econômicos. Todos admitiram já terem sido discriminados pela maneira de falar e de já terem discriminado alguém, ou seja, a pesquisa apontada para discriminações pelas duas formas. Sendo que essa diversidade foi mostrada em debates com os alunos.

A questão da diversidade linguística é tratada também em outro PCN, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual – Temas Transversais (MEC, 1997 b). Vejamos:



Segundo o documento, são exemplos de bilingüismos e multilingüismos as vivências de escolas indígenas, escolas de regiões de fronteiras geopolíticas do Brasil, escolas vinculadas a grupos étnicos, existentes em particular em grandes centros urbanos, regionalismos existentes na fala cotidiana de tantas escolas espalhadas pelo País (BRASIL, 1997, p. 46-7).

Quando são questionados a citarem alguma palavra do romance que não entenderam o significado ou que está fora de seu vocabulário eles citam palavras como:

Juazeiros: árvore do nordeste.

Escanhado: separado.

Fustigou-o: bateu.

Seixos: pedra.

Irresoluto: indeciso.

Guturais: som da garganta.

Cambaio: torto.

Cuia: vasilha.

Pederneira: pedacinho de pedra.

Bolandeira: aparelho para descaroçar algodão.

As respostas obtidas nas enquetes nos dão subsídio para que possamos reconhecer a língua como sistema heterogêneo, nessa perspectiva, convém salientar que a fala não é uma mera representação da escrita, comprovando a ideia exposta que pelos PCNs

Em primeiro lugar, está o fato de que ninguém escreve como fala, ainda que em certas circunstâncias se possa falar um texto previamente escrito (é o que ocorre, por exemplo, no caso de uma conferência, de um discurso formal, dos telejornais) ou mesmo falar tendo por referência padrões próprios da escrita, como em uma exposição de um tema para auditório desconhecido, em uma entrevista, em uma solicitação de serviço junto a pessoas estranhas [...] (PCNs BRASIL, 1997, p.30).



Portanto é importante viabilizar o acesso dos alunos a norma culta , ensinando a entender tais variedades linguísticas e de que forma utilizar a linguagem dentro de sala de aula e nas diversas situações comunicativas.

CONCLUSÃO

Entendemos que as variações linguísticas no ensino de Língua Portuguesa devem ser estudadas envolvendo seu contexto social, contemplando a língua como um sistema heterogêneo.

Nessa perspectiva, encontramos no nosso país pronúncias diferentes e formas distintas de se dizer a mesma palavra refletindo os muitos dialetos presentes na Língua Portuguesa. O contato do aluno durante as oficinas mostrou a importância de o professor mediar às ações para permitir que os alunos compreendam as variedades linguísticas existentes em nosso país. E, também, evidenciou a importância da abordagem desse tema em aulas de Língua Portuguesa, pois, como vimos, os alunos trazem para sala de aula diferentes variações da língua fala e essas variações precisam ser respeitadas.

Vimos, além disso, a importância do ensino da variação linguística em sala de aula de Língua Portuguesa e que o professor, deve ensinar a norma culta, sem, no entanto, negligenciar a variante da língua praticada pelos alunos.

Como foi visto, a língua é heterogênea e a utilização de cada variante vai depender de situações comunicativas, sendo a sala de aula um ambiente de extrema importância, pois envolve situações de fala em que o aluno é incitado a compreender os diversos falares existentes em diferentes regiões faixas etárias e situações comunicativas diferentes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2011.



BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais.**/ língua portuguesa – 3º e 4º Ciclos. Brasília, 1997

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais - P/uralidade cultural e orientação sexual; Temas Transversais; II!** a 411.séries, Brasília: MEC, 1997 b.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 91ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.